

EU SERVI no CEP

ANA FERREIRA DA SILVA



Título
Eu servi no CEP

Texto
© Ana Ferreira da Silva

Coordenação da Edição
Alfarroba

Design e Paginação
Catarina Amaro da Costa | Alfarroba

Impressão e Acabamento
Portugal

ISBN
978-989-9068-55-1

Depósito Legal
503 453/22

1.ª edição, Setembro 2022

uma edição da Alfarroba
© setembro 2022, Alfarroba

telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização da editora.

Entroncamento! Finalmente, chegámos à estação do Entroncamento! E confesso que já não era sem tempo! Tenho a certeza de que não seria capaz de aguentar outro quarto de hora dentro deste vagão abafado e fedorento sem vomitar, apesar de me ter calhado um lugar junto da janela; é que o vento frio que me ia refrescando as narinas, de mistura com a fuligem da locomotiva, não compensava, de modo algum, a amálgama nauseabunda da fedentina a suor, medo e necessidades com que os meus companheiros de viagem iam empestando o ar! Felizmente, os *boches* nunca se lembraram de inventar um gás à base desta mistura, caso contrário, teriam vencido a guerra em menos de dois meses! Por outro lado, se os *tommies* ou os nossos generais se tivessem aproveitado de semelhante arma química, há muito estaríamos todos em casa a celebrar a nossa meteórica vitória, felizes e contentes, de regresso aos nossos afazeres, em vez de andarmos por aí a pairar com ar macambúzio, vencedores e simultaneamente perdedores, à procura dos vários pedaços de alma que nos foram ficando pelas trincheiras, afogados numa cratera lamacenta ou pendurados no arame farpado, irremediavelmente perdidos nos mais profundos recônditos da memória, de onde não poderíamos nem desejaríamos jamais recuperar.

É terrível, a guerra...

Não me perguntem a razão de toda esta loucura humana. Só saberia responder-vos que, de um dia para o outro, a rotina mais ou menos dura que nos levava de uma ponta à outra da rica vidinha, ficou virada de pernas para o ar. De um dia para o outro, multiplicaram-se as discussões, os jornais, os panfletos, os insultos a este e àquele, dos reis e presidentes aos ministros e aos amola-facas, as sessões de estalada e varapau nas tascas lá da terra, os mais desafinados desataram a berrar hinos e cantorias exaltadas, uma coisa deveras infernal! Talvez até tenha havido duelos e alguns tontos se tenham feito

matar a tiro nalgum bosque retirado numa madrugada en-sopada de neblina, quando se era para morrer, bem podiam ter-se alistado... Vá-se lá perceber esta gente! E eu, Bonifácio da Mina, que nada tinha a ver com toda essa confusão, que queria lá saber por que é que o sérvio tinha matado o príncipe e o que é que os franceses e os ingleses tinham a ver com isso, e que a única explicação que ouvi dar dos motivos de nós, pacíficos portugueses, nos termos metido nessa salganhada, foi o facto irremediável de sermos amigos dos *tommies*, e que isso só por si justificava a nossa lamentável intromissão nas querelas e quezílias alheias – assim, mais ou menos, como os Santos da Mina terem de ir à castanhada à família inteira dos Barandões, só porque o latagão do Necas Barandão do Ribeirinho das Rosas se lembrou de assobiar à passagem da nossa patroazinha Luisinha Henriques – eu fui alistado e metido na embrulhada, assim sem saber ler nem escrever, nem me terem pedido opinião ou licença, só por pertencer à casa!

Mas hei-de meditar seriamente sobre o assunto depois do jantar, se entretanto não me der o sono, e depois vos explicarei tudo bem explicadinho!

E lá está o Farrusco a gemer e a tremer, encostado à minha perna doente, que é uma irritação! Por vezes apetece-me escoiceá-lo, mas então lá vêm os rebates de consciência, que o desgraçado não faz por mal, ele sabe lá o que é uma perna se calhar rachada ou meio partida, ele sabe lá que me dói a perna, ele só sabe o que é o medo; e a esse, conhece-o ele demasiado bem!

Lembro-me bem da tarde em que ele apareceu na nossa trincheira, molhado que nem um pinto, a seguir a uma chuva-da que enterrou a malta em lama até cima dos tornozelos. Era um dia cinzento cheio de vultos e nervosismo, e por pouco não o confundiram com um *boche* a rastejar e não o mandaram para os anjinhos com uma granada de mão ou uma rajada. Deus também protege os cães extraviados, e o Farrusco lá se desviou do balázio e saltou para o nosso lado, enterrando-se de imediato na lama, salpicando-nos a todos e arrancando à malta

os mais castiços e vituperadores palavrões de que tenho memória. Furioso, o nosso primeiro-sargento preparava-se para lhe assentar uma valente coronhada no lombo e atirá-lo para o arame farpado, quando o meu patrão alferes Constantino lhe travou a mão e agarrou o pobre Farrusco pelo cachaço.

– Tem lá calma, homem, pode ser um dos nossos cães enfermeiros! – bradou.

O nosso primeiro, um brutalhaço já de si um tanto pou-cochino, daqueles que em tempos de paz costumavam dar conta de feiras e arraiais à bordoadada, a quem os meses nas trincheiras haviam acentuado o olhar bovino, e embotado ainda mais o lento raciocínio e os raros sentimentos cristãos, obedeceu de imediato, e a malta quedou-se em contemplação quase amorosa do pobre canito, cujo olhar nervoso percorria de uma ponta à outra a galeria de rostos que nele se haviam fixado, gemendo baixinho e tremendo, a cauda outrora farfa-lhuda enfiada entre as patas. Confesso que senti uma ponta de inveja de todas aquelas atenções quase carinhosas, eu que nunca voltei costas ao meu dever, que nunca deixei de cumprir a minha missão apesar dos rios de lama, das ratazanas, das explosões e dos estilhaços, mas que querem, um cão enfermei-ro é um cão enfermeiro, e contra ele, nem os mais garbosos cavalos da brigada levam a melhor!

E assim, o meu patrão alferes Constantino levou o Farrusco para o abrigo, que não distava mais de uns vinte metros do nosso posto de vigia, e entreteve-se a virá-lo de todos os lados e a falar-lhe em todas as línguas conhecidas – Português, Inglês rudimentar, Francês macarrónico e Alemão ininteligível –, para, ao fim de uma hora, chegar à conclusão de que o animal devia ser surdo, e que alguém lhe teria arrancado a identificação; uma verdadeira frustração para quem se gabava de ter sido o melhor aluno do liceu do seu ano!

– Que fazemos do bicho, patrão? – perguntou, invadindo o abrigo, o jovem Emílio Santos, a mais nobre alma que alguma vez pisou as terras do solar dos Henriques, e, vá lá, meu irmão adoptivo.

– Deixemo-lo para aí! Talvez se lhe arranje alguma utilidade... E não te esqueças de que aqui, não me tratas por “patrão”, mas sim, “meu alferes”!

– Sim, patrão... Com certeza, meu alferes patrão Henriques!

O nosso alferes Constantino Henriques resmungou qualquer coisa e enxotou o mano Emílio com um gesto de enfado, dando-lhe a entender que devia regressar ao posto, enquanto ele, o senhor oficial, se entretinha a tentar descobrir a origem do enigmático Farrusco. Espreitando de soslaio para dentro do abrigo, pude ver o nosso valoroso alferes descalçar as botas e atirar-se para cima de um monte de palha bafiento que fazia as vezes de colchão de penas de ganso; e coisa notável, o pobre Farrusco, feio de sujo e enlameado, enroscou-se-lhe aos pés, enfiou o focinho pardacento entre as da frente e parou de gemer, como se o nosso alferes fosse algum santo digno de tanta confiança animal! Enfim, coisas da vida! Mas prometi a mim mesmo que havia de desvendar o mistério canino antes de qualquer humano!

– Eh, Mílio! – bradou o nosso primeiro. – Despacha-te lá! Leva embora a mula!

Pois claro!, já não fazia falta naquele buraco nojento, depois de ter acarretado ao lombo com as latas do jantarinho da malta e arrastado pelo passadiço estragado o estúpido carinho das granadas! Convívio, saber as novidades, ver se o meu patrão Henriques ainda estava inteiro, disso é que nada! Pelo menos, consegui provar que sou mais teimoso do que o nosso primeiro, porque não há-de mais ninguém arrastar-me pelas rédeas, para além do meu querido Emílio! Ora experimentasse lá quem eles quisessem, que logo iam ver se aqui o Bonifácio não era capaz de lhes assentar uma boa parelha de coices! Para alguma coisa nós, as mulas, temos a fama que temos! Hah!

De regresso à realidade, cá vamos nós em fila, em boa ordem como bons militares, descendo pela tábua larga que

serve de rampa de saída ao vagão. O Farrusco segue entre as minhas patas, tremendo um pouco, mas como nós imbuído do necessário apurmo que o impede de embaraçar a equina (e muar) marcha em direcção ao bebedouro. Os de nós que, demasiado cansados, doentes ou enjoados, se deixam ficar para trás, aparvalhados a um canto do vagão, acabam por ser enxotados com pouca cerimónia por um magala e dois ou três funcionários dos caminhos-de-ferro, daqueles para quem a guerra se limitou a fazer embarcar e desembarcar de carruagens e vagões como o nosso, dezenas e centenas de soldadinhos de chumbo e respectivos bichos como nós, cada qual com o seu número de identificação, a sua caderneta militar, os seus receios e as suas lágrimas reprimidas. E como me parecem agora insignificantes e mesquinhos esses humanos que, à partida para a guerra, tanto me intimidavam, com as suas bigodaças, as fardas hirtas de engomadas, de botões reluzentes e quépis, senhores do pára-arranca das locomotivas, com os seus apitos estridentes e as suas bandeirolas!... Mas talvez esteja a ser injusto! Agora reparo que um deles espreita por cima das cabeças da multidão, o olhar ansioso de quem espera por alguém importante, atento ao que dele se espera como dever, e ao mesmo tempo varrendo os rostos cansados com o olhar angustiado, rezando certamente para descobrir entre os sobreviventes um amigo, um filho, quem sabe... E ele com um olho no burro e o outro no cigano, se é que me faço entender, e sem ofensa para o burro nem para o cigano!

Mas venha daí essa fresca aguinha! Aposto que me vai saber imensamente bem, apesar de esses marmelos aí à frente já terem sujado o fundo do bebedouro com as suas babas viscosas! Quero lá saber! O que pode ser isso, comparado com a água da chuva misturada com a lama do fundo das crateras! E que fracos arrepios pode causar-me esta suave frescura de Inverno lusitano, depois dos meses que passei a bater castanholas com a dentuça lá na Flandres, com as patas enterradas na lama gelada das trinchas, a transportar rações, munições e até equipamento médico de um lado para o outro, sempre a

toque de caixa, como se não houvesse amanhã – o que para muita gente acabava por tornar-se a mais singela das verdades –, arrastado pelas rédeas, insultado e até vergastado quando o cansaço me impedia de trotar à velocidade que os sargentos e os alferes insistiam em exigir-me! É que nem sempre era o meu irmão Mílio a conduzir-me... Hah! E ainda dizem que as mulas têm mau feitio! Precisavam de ter conhecido alguns daqueles malditos trastes do regimento!... Mas agora não quero pensar nisso, tanto mais que uma série deles já está a prestar contas “lá em cima”!

II

Água! Água! Eu aqui em baixo a morrer de sede, a esticar uma língua de meio metro, e ninguém repara!... Sempre ouvi dizer que o cão era o melhor amigo do homem, mas pelos vistos, isso só funciona para um dos lados! E o pior, é que tenho a boca tão seca, que nem ladrar consigo! Talvez ainda consiga gemer... Pode ser que alguém me ouça...

E aqui estou eu numa terra estranha, meio morto ao fim desta interminável viagem de comboio, e isto para não falar dos dias a bordo do navio dos *tommies*, ainda por cima, a seguir a mais uns quantos quilómetros de comboio atafalhado e fedorento! Recordo-me, como se de outra vida se tratasse, dos meus dias de cachorro, quando vivíamos relativamente perto do caminho-de-ferro, e eu delirava de felicidade ao contemplar aqueles enormes cavalos de ferro negros que deitavam fumo igualmente negro pelas ventas, assobiavam que se ouvia do outro lado do mundo e arrastavam a uma velocidade vertiginosa uma quantidade enorme de carroças fechadas... Algumas dessas carroças eram coloridas e tinham fileiras de janelas de onde espreitavam pessoas com ar feliz, que me acenavam e riam sempre que eu me lançava na minha mais veloz

correria, numa inglória tentativa de acompanhar o ritmo do comboio! Nessa altura, sonhava com grandes viagens pelo mundo fora, a espreitar por uma grande janela de uma dessas carroças maravilhosas... Como é ingénua a infância!

E agora, nada mais desejo do que um gole de água e um cantinho sossegado onde possa enroscar-me e dormir, dormir três ou quatro dias seguidos sem ser despertado em sobressaltado a meio da noite pelos estoiros das baterias... “a ajustar o alcance do tiro”, diziam eles, e isto depois de mandarem para o ar uma porcaria de um foguete que fazia um *poh!* seco ao ser disparado, subia com um *uiii!* meio mole, e depois rebentava lá no alto numa explosão colorida, iluminando o céu com um relâmpago aterrador, que transformava em dia a noite mais sombria! *Verylights*, era o nome que os *tommies* davam àquelas coisas, e *vergalhaites* ficaram para o léxico dos meus novos donos, que a bem dizer, ainda não cheguei a perceber ao certo quem, nem quantos são!

Pois! Situação complicada a minha, que para aqui estou sem saber a quem devo dedicar toda a minha lealdade canina, agora que estou tão longe de casa, desenraizado de tudo e todos os que amei!

É verdade! Podem não acreditar, mas o meu pêlo já foi sedoso e o meu olhar tranquilo! Cresci numa quintinha da terra a que chamam Flandres, onde chove muito, e que logo às primeiras espreitadelas do sol da Primavera se cobre de flores lindas que é um primor, onde dá gosto correr, correr, correr, e escavar, escavar, escavar! Digo-vos com toda a sinceridade, se existe essa coisa a que chamam “paraíso terrestre”, tem de ser ali! Além disso, a minha família tratava-me muito bem: boa comida, pouco trabalho a tomar conta de umas vacas bem comportadas, muita brincadeira e muitos miminhos dos meus donos pequenos, dois lindos miúdos de olhos azuis traquinas e cabelos mais loiros do que os desses petulantes *tommies* que se julgam os reis de tudo, ou mesmo do que os dos *fritz*, a respeito de quem ainda não consegui formular uma opinião definitiva, para além de estar convencido de que têm um sentido